

## UMA CRÍTICA DAS CORRENTES TEOLÓGICAS OCIDENTAIS

Ismael E. Amaya

Como o título deste artigo sugere, a proposta do mesmo não é acadêmica, mas prática; não tanto seguir uma investigação a fim de abrir um novo campo, mas refletir sobre a situação teológica existente no mundo ocidental. Fazendo isto, iremos tocar em certos problemas que, acredito, pedem consideração urgente. Isto não será feito com um espírito crítico destrutivo, e sim com um sincero desejo de ser objetivo e de encarar a realidade. Portanto, de acordo com a aproximação realística de nossa reflexão, muitas citações e exemplos dados não serão necessariamente tirados de livros, mas da realidade histórica de nosso mundo ocidental e de reflexão pessoal.

### 1 - **TEOLOGIA OCIDENTAL TRADICIONAL**

Tradicionalmente, a teologia ocidental tem se caracterizado por sua aproximação sistemática ao objeto. Os grandes teólogos ocidentais foram teólogos sistemáticos. Analisando a lista bibliográfica de cerca de 100 livros teológicos escritos por teólogos americanos e europeus antes de 1940, encontrei nos títulos as palavras "sistemática", "sistema" ou "dogmática" vinte e seis vezes. Em contraste, a palavra "bíblico" apareceu apenas uma vez.

A principal característica do teólogo sistemático é que ele começa seu trabalho com categorias teológicas como Deus, Cristo, o Espírito Santo, a Igreja, etc., e se preocupa em dar uma apresentação sistemática das doutrinas da fé cristã. Sua abordagem é dogmática e seu raciocínio é mais filosófico

BTeol FTL-B, São Leopoldo, 2(5):5-25, 1985.

e tradicional do que bíblico.<sup>1</sup> Neste caso, o estudo bíblico é usado somente para reforçar as doutrinas dogmáticas da Igreja. Portanto, a fonte da teologia dogmática não é a Bíblia sozinha, mas a Bíblia interpretada pela tradição da Igreja. Esta foi a mentalidade teológica que prevaleceu na tradicional Igreja Católica durante a Idade Média e até os nossos dias. Esta mentalidade também prevaleceu, em grande parte, na teologia protestante desde a reforma até o início do século vinte<sup>2</sup>. É verdade que os reformadores reagiram contra o caráter abíptico da teologia dogmática e insistiram em que a teologia precisa estar fundamentada somente na Bíblia. *Sola Scriptura* (somente a Escritura) tornou-se a legenda de muitos reformadores. Eles insistiram no estudo das línguas bíblicas e enfatizaram a importância de uma consciência do papel da história na teologia bíblica. Eles também insistiram numa interpretação literal mais do que histórica da Bíblia. Contudo, tudo isso foi logo perdido no período pós-reforma, e a Bíblia foi novamente usada acrítica e a-historicamente para fundamentar a doutrina ortodoxa.

Mas esta teologia bíblica, que os reformadores falharam em estabelecer no século dezesseis, estava destinada a ressuscitar novamente num tempo posterior. Depois da luta que teve que enfrentar para atravessar o período do historicismo racionalista-filosófico-liberal dos séculos dezoito e dezanove, a teologia bíblica estabeleceu-se a si mesma em solo firme durante a primeira metade do século vinte.<sup>3</sup> A maior contribuição que a teologia bíblica deu ao pensamento cristão

---

<sup>1</sup> Veja COSTAS, Orlando. *The Church and its mission: a Shattering critique from the Third World*. Wheaton, Coverdate House Publishers, 1974. p. 221-31, onde o autor diz que a teologia da libertação é uma "rebelião teológica" contra esta forma de fazer teologia.

<sup>2</sup> Alguns acreditam, por exemplo, que João Calvino era mais dogmático e autoritário que o papa.

<sup>3</sup> Para uma visão extensiva da literatura sobre teologia bíblica, especialmente teologia do Novo Testamento, veja LADD, George Eldon. *A theology of the New Testament*. Grand Rapids, William B. Eerdmans, 1974.

tem três aspectos: (1) a insistência em que é preciso deixar a Bíblia falar por si mesma; (2) a teologia bíblica precisa ser feita a partir de um ponto de partida que tenha orientação bíblico-histórica; e (3) sua subordinação a uma abordagem sábia e sábia exegese.

Mas uma vez mais o movimento da "teologia bíblica" foi declarado morto, e alguns tentaram sepultá-lo para sempre.<sup>4</sup> De acordo com Brevard Childs, em *Teologia bíblica em crise* (1970), esta crise se deve ao fato de que o movimento da teologia bíblica tentou combinar uma metodologia crítica liberal com uma teologia bíblica normativa. Em sua opinião, os teólogos bíblicos falharam em construir uma ponte sobre o abismo entre exegese e teologia. Se esta crise na teologia bíblica é temporária ou permanente, ainda está por ser visto.

## **2- TEOLOGIA OCIDENTAL NO SÉCULO XX**

Durante a primeira metade do século vinte, a teologia ocidental foi caracterizada por intensas confrontações causadas pelas reviravoltas nas esferas intelectual, econômica e social. Estas reviravoltas foram produzidas pela revolução científica que ocorreu durante o século dezanove e na primeira parte do século vinte.

A revolução científica caracterizou-se pelo método indutivo de investigação. Este método é baseado em duas suposições na questão do conhecimento autêntico: (1) observação e experimentação direta é a forma mais confiável de compreensão sobre alguma matéria subjetiva, e (2) análise racional é a melhor juíza da confiabilidade do conhecimento. O método científico trabalha com a premissa de que a verdade precisa ser encontrada e testada pela experiência humana e pelo pensamento indutivo.

A segunda metade do século dezanove viu a ascensão de uma sucessão de novos desenvolvimentos intelectuais, basea-

---

<sup>4</sup> Veja, por exemplo, o editorial em *Interpretation*. (23):78-80, 1969, onde R. Grant fala do movimento como um fracasso.

dos no método científico, que desafiaram decisivamente a ortodoxia, compelindo o cristianismo a repensar e refixar sua doutrina tradicional. Um destes movimentos intelectuais foi introduzido pelas obras *A origem das espécies* (1859) e *A descendência do homem* (1871) de Charles Darwin. O impacto destes escritos foi tamanho, que dentro de uma ou duas décadas muitos cientistas americanos tinham se convertido à "nova biologia", com sua teoria da seleção natural. Mas a influência de Darwin não estava confinada à biologia. O pensamento evolucionista penetrou em quase todas as áreas intelectuais. Especialmente *A descendência do homem*, de Darwin, foi vista por muitos conservadores como um ataque frontal à versão de Gênesis da criação do homem.

Mesmo o estudo da Bíblia não estava isento aos ataques do novo clima intelectual. Um segundo desafio ao cristianismo ortodoxo desenvolveu-se quando as técnicas do "alto criticismo" - originário principalmente das universidades alemãs - foram aplicadas ao estudo das Escrituras, de modo que a Bíblia era estudada com a mesma atitude e o mesmo objetivo e métodos científicos como aqueles aplicados a quaisquer outros documentos antigos. Aquilo que parecia aos críticos serem erros e contradições no texto bíblico era assinalado; questões de data e autoria dos vários livros da Bíblia eram levantadas. Crenças consagradas pelo tempo, tais como a presunção conservadora de que o próprio Moisés escrevera o Pentateuco, foram negadas, etc. A partir da perspectiva das novas ciências, a crença de que a Bíblia goza de uma posição singular como fonte confiável e autoritária de verdade foi desafiada.

Estes e outros desenvolvimentos, tais como os primórdios dos estudos de religião comparativa, ajudaram a criar uma atmosfera de fermento intelectual que pôs a religião conservadora<sup>5</sup> na defensiva, encorajando a posterior expansão do

---

<sup>5</sup> Um "conservador" tem sido descrito como possuindo algumas das seguintes características: (1) teocrático, (2) pertencente a outro mundo, (3) revelacional, (4) tradicional, (5) dogmático.

liberalismo religioso.<sup>6</sup> Entre os cristãos protestantes emergiram três claras posições de resposta ao novo clima intelectual.

Primeiro, alguns cristãos, aceitando sinceramente as descobertas e teorias da ciências, tanto quanto dos altos críticos, procuraram modificar a fé tradicional drasticamente a fim de adaptá-la à nova cosmovisão científica. Esta posição se tornou conhecida como "modernismo científico".

Um segundo grupo tentou achar uma posição intermediária em algum lugar entre os extremos de total aceitação ou total rejeição das novas ciências, esperando que a essência da fé cristã e as novas ciências pudessem ser conciliadas. Este movimento foi classificado como "liberalismo evangélico", e algumas vezes como "liberalismo cristocêntrico".

Um terceiro grupo resistiu fortemente aos novos desenvolvimentos, insistindo na retenção das doutrinas tradicionais numa forma imutável e sem compromisso. Qualquer modificação destas doutrinas era vista como heresia, à qual devia resistir a todo custo. O conflito entre liberais e conservadores, que grassava com intensidade no século dezanove, eclodiu em sua forma mais violenta na controvérsia entre o fundamentalismo e o modernismo<sup>7</sup>, no princípio do século XX.

A corrente principal da teologia protestante neste século, do final dos anos 30 até o final dos anos 50, foi cha-

---

<sup>6</sup> Um "liberal" tem sido descrito como possuindo algumas das seguintes características: (1) antropocêntrico, (2) naturalista, (3) racionalista, (4) revisionista, (5) pragmático.

<sup>7</sup> Um "fundamentalista" é alguém que afirma os cinco "fundamentos", ou doutrinas básicas do cristianismo, definidos pela Conferência Bíblica de Niágara, de 1895: (1) a inerrância das Escrituras, (2) o nascimento virginal e a divindade de Cristo, (3) a crença de que Cristo tomou o lugar dos pecadores em sua morte na cruz, provendo assim um "sacrifício substitutivo", (4) a ressurreição física de Cristo de sua tumba, e (5) o retorno corporal de Cristo à terra em sua segunda vinda.

mada neo-ortodoxia.<sup>8</sup> Seu interesse principal era a deliberada tentativa de retornar às doutrinas dos primitivos reformadores, particularmente Lutero e Calvino.

Os teólogos que representavam esta posição estavam convencidos de que o protestantismo liberal tinha pervertido sua herança, e transformado a fé cristã em uma religião diferente daquela intencionada pelos primeiros reformadores. Era um protesto contra o liberalismo, mas não uma afirmação do conservadorismo, embora eles mantivessem algumas crenças que os conservadores também afirmavam.

Esse novo movimento era essencialmente um fenômeno europeu: virtualmente todos os seus líderes originais eram alemães, suíços ou ingleses. Sua influência sobre a teologia americana era sentida principalmente nos seminários teológicos e entre a classe intelectual (*intelligentsia*), e pouco nas congregações locais. Ele não começou a dominar nos Estados Unidos até que os efeitos da depressão do início da década de 30 começaram a exercer influência no espírito humano.

Os problemas com os quais estas quatro respostas lidaram ainda permanecem em grande parte na cena contemporânea.<sup>9</sup>

Com a "morte" da teologia da morte-de-Deus<sup>10</sup> e o espírito do secularismo no final dos anos 60, o pensamento teológi-

---

<sup>8</sup> Embora "neo-ortodoxia" seja a designação mais comum, ela também é chamada "neo-protestantismo", "a nova reforma" e "teologia dialética".

<sup>9</sup> Para uma excelente abordagem da literatura e das posições das diferentes correntes teológicas durante a primeira metade do século XX, veja FERM, Deane William. *Contemporary American theologies - A critical survey*. New York, The Seabury Press, cap. 1. Para uma excelente abordagem sobre a controvérsia durante este mesmo período, veja BEDELL, George C. et alii. *Religion in America*. New York, MacMillan Publishing Company, 1975. cap. 5.

<sup>10</sup> Para o significado desta afirmação, veja "Teologia e tecnologia moderna", abaixo.

co expressou um interesse peculiar em assuntos sociais. Outro fenômeno observado é que os teólogos confinaram seus esforços primariamente a apenas uma área de mudança social. O resultado é que nos anos 70 testemunhamos um desfacelamento do pensamento teológico, dando origem às diversas "teologias" contemporâneas, como teologia negra, teologia feminista, teologia da libertação, etc.<sup>11</sup>; igualmente testemunhamos um desafio ao espírito do secularismo, que foi chamado "novo evangelicalismo".<sup>12</sup>

### 3 - FRAQUEZAS DA TEOLOGIA OCIDENTAL

Após termos visto brevemente o desenvolvimento teológico nos países do Atlântico Norte (Europa e Estados Unidos), gostaríamos agora de refletir sobre algumas de suas fraquezas. Numa tentativa de sermos objetivos e realistas em nossa crítica, gostaríamos de expressar de maneira muito franca a forma que a teologia européia-americana é percebida pelo Terceiro Mundo. Isto não será feito num espírito crítico destrutivo; pelo contrário, nossa intenção é fornecer uma crítica construtiva. Não significa também que não haja nada de bom a ser dito sobre a teologia ocidental,<sup>13</sup> mas a extensão e o escopo deste artigo não nos permitem entregar-nos a um exercício de mútua admiração.

Na minha concepção, muitas das fraquezas na teologia o-

---

<sup>11</sup> Para uma visão geral sobre a literatura destas diferentes teologias, veja Ferm, op. cit., cap. 3-5; OGDEN, Schubert M. *Faith and Freedom - Toward a theology of liberation*. Nashville, Abingdom, 1979.

<sup>12</sup> Veja Ferm, op. cit., cap. 6.

<sup>13</sup> Na área da erudição bíblica, os teólogos do norte tiveram um grande impacto na teologia mundial. É um fato bem conhecido que cristãos de todas as crenças e tradições teológicas no Terceiro Mundo beneficiam-se hoje estudando a Bíblia usando ferramentas, disciplinas e metodologia desenvolvidas pela excelente erudição do norte.

cidental estão relacionadas a dois fatores principais: ideologia e tecnologia. Primeiro analisaremos estes dois fenômenos, e então veremos como eles afetaram a teologia ocidental.

### 3.1 - TEOLOGIA E IDEOLOGIA

Quando o sociólogo francês Alexis de Tocqueville visitou os Estados Unidos, nos anos de 1830, fez duas observações profundas sobre a vida religiosa na América (Estados Unidos). Primeiro, ele disse que achou a "atmosfera religiosa" a primeira coisa que impressiona um visitante de fora, e conclui que "não há país no mundo em que a religião cristã tenha maior influência sobre as almas dos homens que na América".<sup>14</sup> A segunda observação foi muito mais significativa: ele descreveu a religiosidade do novo mundo como a religiosidade "que posso somente descrever como democrática e republicana".<sup>15</sup>

Tocqueville faz esta afirmação baseado na sua teoria de que "toda religião tem uma opinião política ligada a ela por afinidade". Não somente *qualquer* "opinião política", mas uma opinião política "apropriada". Ele acreditava que "o espírito do homem, quando se o deixa seguir sua inclinação, regulará a sociedade política e a cidade de Deus de modo uniforme; ... procurará harmonizar terra e céu".<sup>16</sup> A afirmação de Tocqueville parece fazer sentido<sup>17</sup>, exceto que,

---

<sup>14</sup> MAYER, J. P. & LERNER, Max (ed.) *Democracy in America*. New York, Harper & Row, 1966. p. 268,271.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 265.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 265.

<sup>17</sup> Este é o caso também dos proponentes da teologia da libertação, que, lutando pela classe oprimida e pregando igualdade para todos os homens, encontraram um elo natural com a opinião política do marxismo, que também prega igualdade e pretende estar a favor dos oprimidos. Eis porque, no contexto da teologia da libertação, o marxismo, que casa com o socialismo, é o único sistema de governo conveniente para tal teologia, e a democracia, que casa com o capitalismo, é um tabu.



no caso dos Estados Unidos, ele poderia ter invertido a questão, pois neste país parece que o governo tem uma opinião religiosa apropriada ligada a ele, uma espécie de religiosidade civil.

A experiência religiosa que tem caracterizado o contexto americano formou-se aproximadamente ao mesmo tempo em que se formou a república americana, no final do século dezoito. É um fato confirmado, por exemplo, que um dos mais estimados princípios da democracia americana, o princípio da liberdade religiosa, não foi estabelecido pelos líderes religiosos deste país, mas sim pelos líderes políticos que elaboraram a constituição americana, como Thomas Jefferson e Samuel Adams.<sup>18</sup> Na concepção destes grandes líderes, o princípio da liberdade religiosa estava lado a lado com as outras três liberdades: liberdade de expressão, liberdade de imprensa e liberdade de reunião.

Esta religião civil<sup>19</sup>, que caracterizou o contexto religioso americano, foi expressa ao longo dos últimos duzentos anos tanto por líderes políticos como religiosos. Quase todos os povoadores coloniais compreenderam-se como participantes no nascimento de um novo Israel e apoiaram sua retórica na linguagem do Antigo Testamento. Constantemente eles

---

<sup>18</sup> Muitos dos grupos religiosos durante o período colonial (congregacionalistas, anglicanos, etc.) tentaram estabelecer sua própria religião e quiseram impo-la sobre as outras. Muitos destes grupos eram caracterizados por seu espírito de intolerância.

<sup>19</sup> "Religião civil" é um termo utilizado para expressar um sentido de destino na nação (norte-)americana. A idéia, por exemplo, de que Deus estava por trás da formação da nação de Israel. Esta inclui a idéia, por exemplo, compartilhada por muitos cristãos americanos, de que Deus está do lado da democracia, e, portanto, nunca irá permitir que o comunismo venha a superar os Estados Unidos. Para uma abordagem mais completa do tema religião civil, veja Bedell et alii, op. cit., cap. 1.

usaram a metáfora do Êxodo, ao redor do qual organizaram seus pensamentos sobre a vida na América. Eles compreenderam-se como tendo sido libertos da escravidão e da decadência do Velho Mundo a fim de entrar no Novo Mundo, uma terra que emana riquezas naturais e liberdade espiritual. Esta atitude era típica de virtualmente todos os grupos coloniais. Ao requerer um clérigo para a Carolina do Sul, por exemplo, o primeiro governador escreveu de volta ao lar: "A prosperidade dos israelitas decaiu quando seus profetas estavam deficientes, porque onde a arca de Deus está, ali há paz e tranquilidade".<sup>20</sup>

Samuel Adams foi um dos primeiros políticos proeminentes a articular a religião civil americana, colocando o conflito com a Inglaterra numa estrutura bíblica. No seu discurso da "Independência Americana", no palácio do governo na Filadélfia, em primeiro de agosto de 1776, ele comparou a América ao antigo Israel. E então, falando da prosperidade e do poder militar dos Estados Unidos, acrescentou:

"Há momentos de, eu diria, uma quase espantosa Providência em nosso favor; nosso sucesso fez vacilar nossos inimigos e quase deu fê aos descrentes, de tal modo que podemos verdadeiramente dizer que não foi somente nosso próprio braço que nos salvou. A mão do céu parece ter-nos conduzido a ser, talvez, humildes instrumentos e recursos na grande dispensação Providencial que está se completando. Nós escapamos da Sodoma política; não olhemos para trás, para que não pereçamos e nos tornemos um monumento da infâmia e zombaria ao mundo!"<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> MCCRADY, Edward. *An Historic Church: The Westminster Abbey of South Carolina - A sketch of St. Phillip's Church, Charleston, S. C.* Charleston, Lucas and Richardson Co., 1901, citado por Bedell et alii, op. cit., p. 32.

<sup>21</sup> MOORE, Frank (ed.) *American Eloquence.* New York, D. Appleton and Company, 1876, p. 329.

No campo religioso, os puritanos sonharam em estabelecer no Novo Mundo o que eles tinham sido incapazes de estabelecer na Inglaterra: a "Santa Nação". Mas num sentido real, a grande maioria dos novos povoadores, fossem quais fossem suas ligações religiosas, participava do sonho puritano de um mundo decisivamente novo e melhor.

No século dezoito, Jonathan Edwards, geralmente considerado o maior teólogo produzido na América até o século vinte, encarou o Grande Despertamento (o notável avivamento espiritual no século dezoito) como uma prova clara que a América era realmente a Nova Terra Prometida, e, de fato, expressou-o em *A história da obra da redenção*.<sup>22</sup> Na sua obra *Pensamentos sobre o Reavivamento*, na secção intitulada "A glória dos últimos dias provavelmente começará na América", ele expressa sua convicção de que Deus escolheu a América, (os Estados Unidos) como cenário final para a manifestação de sua glória. E então acrescenta:

"E se podemos supor que esta gloriosa obra de Deus pode começar em qualquer parte da América, eu sou da opinião que, considerando as circunstâncias da colonização da Nova Inglaterra, parece óbvio que este é o lugar mais provável, entre todas as colônias americanas, em que esta obra tenha primordialmente o seu princípio. E, se estas coisas forem assim, isto nos dá mais abundante razão para esperar que isto que agora é visto na América, e especialmente na Nova Inglaterra, pode provar o aparecimento deste glorioso dia."<sup>23</sup>

Este conceito, que a América é o *Novo Israel*, o novo povo escolhido por Deus, prevaleceu, talvez incôgnito, no pensamento teológico do cristianismo americano. Grande parte da

---

22 THE WORKS of president Edwards. London, Hughes and Baynes, v. 5, 1871. p. 221.

23 *Ibidem*, p. 59.

motivação do colossal esforço de sustentar a gigantesca empresa missionária ao redor do mundo é a convicção de que Deus tornou a América, especialmente a América anglo-saxônica, como o *vaso de redenção* do mundo<sup>24</sup>.

### 3.1.1 - Consequências da influência ideológica

Nos Estados Unidos, por exemplo, o "sonho americano" do começo da república foi uma forma democrática de governo. A constituição americana está baseada nos quatro princípios básicos da liberdade humana: (1) liberdade de expressão, (2) liberdade de imprensa, (3) liberdade de reunião e (4) liberdade religiosa. Pessoalmente acredito que estes quatro princípios são os mais nobres princípios que o homem jamais pôde ter sonhado. Liberdade é a posse mais estimada de qualquer ser mortal. Mas liberdade, quando mal empregada, é uma coisa muito perigosa. Isto porque democracia é um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que ela procura proteger a liberdade do homem, carrega consigo mesma a semente de sua própria destruição.

Na democracia do mundo ocidental, no processo de proteger os princípios da liberdade humana, alimentou-se alguns "filhos ilegítimos" que agora ameaçam destruí-la. Na minha opinião, um dos problemas com a teologia ocidental é que, por ter se desenvolvida dentro do sistema democrático, não foi capaz de detectar estes males e, portanto, não fez sua voz profética ser ouvida nestes problemas.

Um dos produtos diretos da democracia é o capitalismo. O capitalismo está baseado no princípio da "livre empresa", que é a "liberdade ilimitada" que a pessoa ou a corporação sob este sistema tem para acumular bens. Mas quando se junta este princípio da livre empresa com o espírito basicamente insaciável da natureza do homem, aí se tem um problema. Esta

---

<sup>24</sup> Até poucos anos atrás, os únicos indivíduos que podiam qualificar-se para a nomeação de missionários em algumas denominações eram anglo-saxões (americanos, canadenses, europeus). Os americanos pertencentes a grupos minoritários, como negros, latinos, orientais, eram aconselhados a não tentarem, pois a política era indicar somente anglo-saxões.

peculiar combinação produziu alguns fenômenos no mundo ocidental (que, na melhor hipótese, podem ser chamados problemas, e na pior, males; em nosso artigo chamá-los-emos problemas), os quais a teologia ocidental não tem tratado com adequação. Mencionaremos apenas alguns:

*O problema das riquezas* - Um dos resultados diretos da democracia são as riquezas. O princípio da livre empresa deu origem a gigantescas e poderosas corporações.<sup>25</sup> Ao mesmo tempo produziu alguns indivíduos incrivelmente ricos, que possuem seus próprios impérios financeiros e controlam uma boa parte das riquezas do mundo.<sup>26</sup> Abaixo da "classe multi-milhonária" está a bem maior "classe rica", e abaixo está a "classe média", que abrange a maioria das populações das nações norte-atlânticas. É estimado que nos Estados Unidos, por exemplo, de uma população de quase 250 milhões, aproximadamente 200 milhões pertencem a uma destas três categorias. Entre eles estão os mais de 60 milhões de americanos que podem ser encontrados numa igreja cristã quase cada domingo. A prosperidade é uma das principais características do frequentador de igrejas americano. A típica congregação anglo-saxônica é composta de pessoas bem vestidas e bem arrumadas, representando pelo menos uma mentalidade de classe média, entre as quais uma pessoa pobremente vestida e deseducada não se sentiria bem.

---

25 Algumas destas corporações são tão poderosas, que foi estimado que, durante a recessão atual, os três maiores fabricantes de automóveis, juntos, perderam durante os últimos dois anos mais de dois bilhões de dólares, e ainda conseguem permanecer no negócio.

26 Como exemplo desta riqueza, Facqueline Onassis gaba-se do fato de possuir cerca de 1.200 casacos - muitos dos quais ela descarta sem usá-los uma única vez -; enquanto Liz Taylor gabou-se de ter um anel de diamante avaliado em um milhão e meio de dólares, e, de acordo com uma reportagem de jornal (CBS notícias, 2 set. 1973), ela quis divorciar-se de Richard Burton porque ele recusou comprar-lhe um casaco de cento e cinquenta mil dólares.

Mas, a despeito desta realidade, a teologia ocidental não lidou adequadamente com o problema das riquezas. Embora a Bíblia tenha muito a dizer sobre riquezas, os teólogos ocidentais, consciente ou inconscientemente, falharam em lidar com esta importante questão. Será que as palavras de Jesus "é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus" (Mt 19.24) têm algum significado para uma sociedade rica?<sup>27</sup>

*O problema da abundância e do desperdício* - Proximamente ao problema das riquezas está relacionado o problema de abundância e desperdício. Estima-se que a comida e a vestimenta que são desperdiçadas no mundo ocidental seriam suficientes para alimentar e vestir a população pobre do mundo. Mas, embora os políticos tenham expressado uma profunda preocupação acerca deste problema,<sup>28</sup> a teologia ocidental não ligou o problema da relação entre abundância e desperdício à responsabilidade cristã de alimentar o faminto, vestir o nu e ajudar o doente.

*O problema da gula* - Enquanto um terço da população do mundo vai para a cama toda noite faminta e preocupada com o que irá comer no dia seguinte,<sup>29</sup> o cristão americano médio

---

<sup>27</sup> Isto não quer dizer que não haja pobres nos Estados Unidos. A última edição do "U. S. News and World Report" (Ago. 1982) relata que há 32 milhões de americanos que estão classificados na categoria de pobreza. (Em 1984, o nível de pobreza oficial era uma renda familiar de 10.609 dólares para famílias com quatro pessoas e havia 33,7 milhões de pobres, cerca de 14,4 % da população. - N. d. E.)

<sup>28</sup> Um despacho recente relatou que um grupo de preocupados senadores dos Estados Unidos, a fim de dramatizar o problema do desperdício, organizaram um banquete que incluía algumas das melhores comidas que são servidas nos melhores restaurantes, inteiramente com comida desperdiçada, colhida das latas de sobejos.

<sup>29</sup> David L. Cohn diz que um camponês persa, ao ver uma tra-

vai para a cama preocupado acerca de como ele ou ela poderia comer menos a fim de perder peso. Enquanto milhares de pessoas morrem de fome todos os dias ao redor do mundo, o problema da típica criança americana é decidir toda manhã que tipo de cereal irá comer para o café da manhã, e o problema de muitos cristãos adultos é decidir em que restaurante irão almoçar.

A despeito da relevância desta situação, os teólogos ocidentais têm permanecido estranhamente silenciosos no que concerne à relação da obesidade e da glotonaria com o princípio bíblico de que nossos corpos são templos do Espírito Santo (1 Co 6.19).

### 3.2 - TEOLOGIA E TECNOLOGIA MODERNA

O segundo fenômeno que influenciou a teologia ocidental, especialmente nos Estados Unidos da América, é a tecnologia moderna.<sup>30</sup> Nós vivemos na era das explosões, e uma das mais espantosas delas é a "explosão tecnológica". Esta explosão tecnológica, através da ajuda dos computadores e dos satélites artificiais, aumentou o conhecimento do homem e sua capacidade de aprender a uma velocidade incrível. Isto, por sua vez, forçou-nos para dentro de uma era da "especialização". Naquele país setentrional, ter um diploma não é suficiente. A não ser que você consiga acrescentar a palavra "especialis-

---

vessa de comida de cachorro americana, disse que "se tivesse tal travessa uma vez por semana para sua família, estaria feliz" e que "ele estaria disposto a morrer para realizar sua ambição de viver a vida de um cachorro americano". (Saturday review of literature, 16 maio 1953).

<sup>30</sup> No último encontro regional do Instituto de Investigação Bíblica, uma especialista em computadores falou de um projeto monumental em que ela estava envolvida: programar a Bíblia em suas línguas originais em computadores. E ela acrescentou que "os eruditos que não são expertos em computadores não serão capazes de competir com a nova geração de eruditos familiarizados com os computadores".

ta" ao seu diploma, você estará sentenciado a fracassar em sua profissão. Na medicina, por exemplo, a era do "clínico geral", que podia tratar de um paciente em quase tudo, é uma coisa do passado. Hoje em dia, a função do médico da família foi reduzida a detectar o melhor possível o sintoma da doença, e então providenciar ao paciente números de telefone e endereços, de modo que o paciente possa ir consultar um "especialista" de olhos, ouvidos, pulmões, pele ou qualquer outro que possa haver. O grau de especialização é tal, que o especialista de pulmões não se atreveria a tratar de um paciente do coração, ou vice-versa, um especialista do coração não se atreveria a tratar de um paciente de pulmões. O mesmo poderia ser dito acerca dos mecânicos de automóveis. Quando examinei os muitos cartões que tinha em minha carteira, encontrei cartões apresentando "especialistas de freio", "especialistas de transmissão", "especialistas de radiadores", "especialistas em ar condicionado", etc.

O ensino não escapou à era da especialização. O grau mais cobiçado nos Estados Unidos é um Ph. D., um grau de especialização muito alto.<sup>31</sup> Muitos eruditos americanos foram influenciados de modo geral pela moderna era da especialização. Quando um colega meu, um especialista em teologia, recebeu a sugestão de que ele poderia ensinar introdução ao Novo Testamento num trimestre, ele corou, sorriu um tanto embaraçado, e desculpou-se dizendo: "Oh, não! Eu não posso ensinar Novo Testamento; eu sou um homem da teologia." Por isso, o típico teólogo europeu e americano é um "profissional", um "especialista", uma "autoridade" no seu assunto. Para um teólogo, ser bem versado em outras disciplinas como literatura bíblica, história da igreja, filosofia, etc., é uma excessão à regra.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Ouvi falar de um Ph. D. em inglês que escreveu sua dissertação doutoral sobre o uso da palavra "if" (se). Ele era uma autoridade no uso da conjunção "if" (se), mas não sabia muito sobre a conjunção "but" (mas). Eis porquê o conceito do programa do Ph. D. está sob severa crítica hoje: é que ele é muito especializado.

<sup>32</sup> Esta é uma das peculiaridades, por exemplo, da Fraternida-



### 3.2.1 - A teologia da "torre de marfim"

Este fenômeno da especialização causou dois problemas maiores para os teólogos norte-atlânticos. O primeiro é que ele isolou o teólogo em sua própria disciplina, privando-o dos benefícios de uma erudição inter-disciplinar, e, segundo, ele forçou-o a desenvolver uma teologia de "torre de marfim", produzida em grande parte em seu escritório e na biblioteca. Este tipo de teologia, que é um mero exercício acadêmico, e usualmente está fora da realidade, está destinado a ser passageiro.<sup>33</sup>

O melhor exemplo disso é a teologia da morte-de-Deus e o espírito do "secularismo" dos anos 1960. No final dos anos 60, a teologia da morte-de-Deus, que recebeu inclusive manchetes na imprensa secular no começo da década (a revista *Time* dramatizou a proclamação da "morte de Deus" na capa de uma de suas edições), havia virtualmente desaparecido. Perto do final da década, muitos teólogos da morte-de-Deus, bem como os teólogos propensos ao secularismo, ou já haviam modificado grandemente suas proposições, ou não estavam mais sendo levados a sério, ou, então, haviam parado completamente de fazer teologia.

Embora a transitória popularidade da teologia da morte-de-Deus se devesse em parte aos exageros da imprensa, a qual precipitou tanto seu aparecimento dramático quanto sua rápida queda, a fraqueza deste tipo de teologia era clara. Não somente era uma teologia "torre de marfim", que consistia somente num exercício acadêmico, mas também tendia a aceitar

---

de Teológica Latino-Americana. Os membros da Fraternidade não são necessariamente "teólogos", mas representantes de muitas diferentes disciplinas - historiadores da igreja, historiadores seculares, sociólogos, antropólogos, homens da Bíblia, pastores, etc. - todos fazendo teologia a partir das suas respectivas perspectivas.

33 Apesar disso, a emergência de algumas das mais populares "sub-teologias" nos anos 70 e 80 indica uma mudança na direção certa. Veja nota 10.

acriticamente a noção de que a secularização é uma coisa boa, capitulando aos interesses estreitos e arbitrários do mundo moderno. Como diz Deane William Fern, "os teólogos da morte-de-Deus falharam em considerar a admoestação do filósofo George Santayana, de que aquele que se casa com o espírito dos tempos está destinado a tornar-se viúvo na próxima geração".<sup>34</sup>

### 3.2.2 - Falta de contato com a realidade

Este fenômeno da especialização, que no geral produziu um tipo de teologia "torre de marfim", é a razão de a teologia do Atlântico-norte ter sido caracterizada por uma falta de contato com a realidade. Embora as novas sub-teologias se esforcem por corrigir isto, ainda é um fato inquestionável que a teologia norte-americana não tem lidado com alguns dos problemas básicos que prevalecem na sociedade americana. Nós apenas mencionaremos poucos deles.

*Ecologia* - Sempre temos tomado a beleza deste mundo como uma concessão. Nós agradecemos ao Criador pela beleza e majestade da natureza em nossos hinos e canções, mas, ao mesmo tempo, falhamos em relacionar isto com a criação. O mesmo Deus que fez o homem, também fez o céu e a terra e tudo o que está neles. Deus não fez o homem para o mundo, mas o mundo para o homem, e encarregou-o de seu cuidado. Mas o comando de subjugar a terra e exercer domínio sobre ela (Gn 1.28) tem sido interpretado pelo homem como permissão para explorá-la.

Como consequência, a crise ecológica com a qual nos estamos confrontando é mais séria do que muitos de nós acreditamos. Os espertos que analisam as informações disponíveis estão alarmados com a gravidade da situação do mundo de hoje. Estamos contaminando a atmosfera, os oceanos, os rios e os campos. E não somente isto, mas a terra está esgotando seus recursos tão essenciais para a sobrevivência da humanidade, como água, ar, energia e alimentos.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Fern, op. cit., p. 35.

<sup>35</sup> Para uma abordagem mais detalhada sobre esta crise, veja ROBERT, Dayton. *Running out*. Glendale, Regal Books.

Embora creiamos que "ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela há" (Sl 24.1), a negligência do mundo natural na teologia do Atlântico-norte é inegável. Somente na década passada atestamos algum interesse sobre a condição do mundo no qual vivemos.<sup>36</sup> Mas nenhum tratamento a fundo foi tentado nesse assunto. Se "a terra é do Senhor" e nós fomos encarregados de seu cuidado, não podemos ignorar a presente crise ecológica.

*Os problemas sociais* - Outra coisa que a teologia setentrional tem falhado em tratar relacionar-se são os problemas sociais, que estão destruindo os próprios fundamentos morais das nações. O problema do divórcio parece estar saindo fora de controle.

O divórcio não é mais um assunto de fácil decisão, como decidir entre preto e branco. Após ignorar o problema ao longo de gerações, de repente a igreja está descobrindo que uma grande parte das pessoas que sentam nos bancos, nas manhãs de domingo, são pessoas divorciadas, e está praticamente sendo forçada a lidar com o problema.

Outro problema sério é o das drogas. Uma autoridade policial disse, há não muito tempo, que se tivessem que pôr atrás das grades todos aqueles que estão envolvidos no consumo de drogas na Califórnia, teriam que enjaular metade da população. Mas a teologia não tem se ocupado com este problema.

O problema da corrupção e da imoralidade, tanto pública como privada, está chocando o público. O crime está às soltas. O submundo parece ter carta branca no governo, nos relacionamentos e no mundo dos negócios. A pergunta que o mundo está fazendo e que nós precisamos responder é: se este país foi fundado sobre princípios cristãos, e se, como o sociólogo francês Tocqueville disse, "não há país no mundo onde a religião cristã tenha uma influência maior sobre as al-

---

<sup>36</sup> Para uma visão do que se tem escrito sobre esta matéria, veja CARMODY, John. *Theology for the 1980's*. Philadelphia, The Westminster Press, 1980. cap. 2.

mas dos homens do que na América<sup>37</sup>, por que a ética cristã não tem tido um impacto maior na sociedade?<sup>38</sup>

*Direitos civis* - A luta pelos direitos civis tem sido perene nos Estados Unidos. Tal luta quase que partiu em dois este país, na década de 1960. Políticos, estudantes e cidadãos em geral não poderiam evitar estar envolvidos nela. Mas, de alguma forma, a igreja conseguiu permanecer em silêncio durante esse tumulto todo. A teologia não teve nada a dizer. Será que a Bíblia não tem qualquer relevância para este problema?

### **CONCLUSÃO**

A teologia não consiste somente em decifrar e reproduzir o que a Bíblia ensina. A teologia também inclui o que pensamos e dizemos hoje. É responsabilidade de cada geração declarar a verdade cristã para dentro da estrutura de seu próprio tempo e situação. Portanto, se a nossa teologia deve ser relevante para o "aqui e agora", então precisamos ter sensibilidade cultural. Nossa tarefa não é fazer teologia *per se*; pelo contrário, precisamos estar interessados no que Charles H. Kraft chama "etnoteologia" cristã<sup>39</sup>, e define como aquela disciplina "que toma a sério tanto a teologia cristã quanto a antropologia ao dedicar-se a uma abordagem inter-

---

37 Veja nota 14.

38 Numa recente viagem à China comunista, o autor ficou impressionado com o alto grau de ética pessoal de que o chinês médio é possuidor, um povo que não pretende ser religioso. Isto apresenta um contraste embaraçante para a sociedade ocidental, que sempre esteve sob a influência do cristianismo.

39 Veja o excelente ensaio de Kraft sobre a matéria, "Toward a Christian Ethnotheology", em TIPPET, A. R. (ed.) *God, man and church growth*. Grand Rapids, Eerdmans Publishing Co., 1973. p. 109-26.

pretativa do estudo de Deus, do homem e da interação divino-humana".<sup>40</sup> Como Kraft claramente ressalta:

"Quando lidamos com o homem na cultura, ordinariamente um tópico antropológico, não podemos fazê-lo sem referência a conhecimentos derivados da teologia. Nem podemos tratar proveitosamente da relação entre Deus e o homem, um tópico teológico, sem referência à compreensão antropológica do lugar da cultura na experiência humana."<sup>41</sup>

Não há dúvida de que a declaração bíblica contém valores infinitos e absolutos. Não é somente o caso de que o que Jesus, Paulo, João e Pedro disseram aplicou-se apenas a suas épocas. Isso também se aplica a nós e aos nossos tempos. Nossa tarefa é apresentar as verdades que eles expressaram de tal maneira que sejam relevantes e apropriadas ao nosso tempo e situação. Os elementos imutáveis do Evangelho precisam ser postos dentro da linguagem de cada país e tornados relevantes para cada geração. Nossa tarefa é, portanto, decifrar as verdades que nos são dadas na Bíblia e interpretar seu significado para nossos tempos. Este é o centro do problema em círculos teológicos: como interpretar e aplicar os ensinamentos da Bíblia em cada geração, especialmente na nossa.

- x - X - x -

Traduzido, com permissão, de: NICHOLLS, Bruce J. *Evangelical Review of Theology*. Exceter, 7(1):13-27, 1983.  
Tradução: Thomas Gaiser. Revisão: Dilmar Devantier.